Geografia e Ontologia dos saberes: Vivência indígena na Universidade Federal de Roraima

Geography and ontology of knowledge: indigenous experience at the Federal University of Roraima

Geografía y ontología del conocimiento: experiencia indígena en la Universidad Federal de Roraima

Geanne Ferreira Leite
Universidade Federal de Rondônia, Brasil
geanne.leite@unir.br

Josué da Costa Silva
Universidade Federal de Rondônia, Brasil
jcosta@unir.br

Revista Presença Geográfica
vol. 12, núm. 1, 2025
Fundação Universidade Federal de Rondônia, Brasil
ISSN-E: 2446-6646
Periodicidade: Frecuencia continua
rpgeo@unir.br

Recepção: 06 Dezembro 2024
Aprovação: 31 Março 2025

URL: https://portal.amelica.org/ameli/journal/274/2745193020/

Resumo: O artigo tem por finalidade compreender as configurações epistemológicas e ontológicas dos saberes ancestrais na interlocução com a ciência, como meio a se discutir sobre as significações construídas na Universidade Federal de Roraima. Tais questionamentos são relevantes no sentido de compreender sobre qual têm sido os padrões e critérios adotados para a produção de saberes, bem como os efeitos que a criação do Instituto Insikiran/UFRR causou no cenário nacional, no contexto de interculturalidade na educação. Este trabalho, está atrelado a uma pesquisa de Tese de doutorado em andamento, que metodologicamente dialoga com as epistemologias indígenas e a fenomenologia, conduzida por uma perspectiva qualitativa, descritiva e analítica. A fim de explicar a fenomenologia no espaço geográfico, serão utilizadas concepções de Buttimer (1990) e as concepções de Munduruku (2009) e Kambeba (2018) sobre a construção do Ser e sua relação indissociável com o meio. Na articulação dos procedimentos metodológicos, foram realizadas revisões bibliográficas, trabalhos de campo com roda de conversa, diário de tese e registro fotográfico/audiovisual. Nesta pesquisa, entendemos o Instituto Insikiran como construção social/intercultural, resultado do movimento indígena que nasceu no começo da década de 2000, tornando-se um marco histórico na UFRR e um emblema de resistência cultural contra os modelos homogeneizadores de educação pública no país.

Palavras-chave: Povos Indígenas, Universidade, Saberes Ancestrais, Epistemologias, Ciência.

Abstract: The article aims to understand the epistemological and ontological configurations of ancestral knowledge in dialogue with science, as a means of discussing the meanings constructed at the Federal University of Roraima. Such questions are relevant in the sense of understanding what have been the standards and criteria adopted for the production of knowledge, as well as the effects that the creation of the

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R

Insikiran Institute/UFRR has caused on the national scene in the context of interculturality in education. The ongoing Thesis research methodologically dialogues with indigenous epistemologies and phenomenology conducted by a qualitative, descriptive and analytical perspective. In order to explain phenomenology in geographic space, conceptions of Buttimer (1990) and the conceptions of Munduruku (2009) and Kambeba (2018) on the construction of Being and its inseparable relationship with the environment will be used. In the articulation of the methodological procedures, we had a bibliographic review, fieldwork with discussion circles, thesis diary and photographic/audiovisual records. In this research, we understand the Insikiran Institute as a social/intercultural construction, a result of the indigenous movement that began in the early 2000s, becoming a historical landmark at UFRR and an emblem of cultural resistance against the homogenizing models of public education in the country.

Keywords: Indigenous Peoples, University, Ancestral Knowledge, Epistemologies, Science.

Resumen: El artículo tiene como objetivo comprender las configuraciones epistemológicas y ontológicas de los saberes ancestrales en el diálogo con la ciencia, como un medio para discutir los significados construidos en la Universidad Federal de Roraima. Tales preguntas son relevantes en el sentido de comprender cuáles han sido los estándares y criterios adoptados para la producción de conocimiento, así como los efectos que la creación del Instituto Insikiran/UFRR ha causado en el escenario nacional, en el contexto de la interculturalidad en la educación. Este trabajo está vinculado a una investigación de tesis doctoral en curso, que dialoga metodológicamente con las epistemologías y fenomenologías indígenas, realizada desde una perspectiva cualitativa, descriptiva y analítica. Para explicar la fenomenología en el espacio geográfico, se utilizarán las concepciones de Buttimer (1990) y las concepciones de Munduruku (2009) y Kambeba (2018) sobre la construcción del Ser y su relación inseparable con el entorno. En la articulación de los procedimientos metodológicos se realizaron revisiones bibliográficas, trabajo de campo con círculos de conversación, diario de tesis y registro fotográfico/audiovisual. En esta investigación, entendemos el Instituto Insikiran como una construcción social/ intercultural, resultado del movimiento indígena que nació a principios de la década de 2000, convirtiéndose en un hito histórico en la UFRR y un emblema de resistencia cultural contra los modelos homogeneizadores de educación pública en el país.

Palabras clave: Pueblos indígenas, Universidad, Conocimientos Ancestrales, Epistemologías, Ciencia.

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R

INTRODUÇÃO

Ao longo dos tempos, a Geografia apresentou-se como uma ciência que busca a compreensão do mundo e suas contradições nas vertentes das relações sociais e com os ecossistemas. Nessa linha, a experiência dos indígenas no território Amazônico, cuja historicidade e geograficidade se entrelaçam com a própria constituição do Brasil, não se dá nem pela história, biologia ou geografia. Ela se dá pela apropriação da(s) identidade(s) que promove a retomada de espaços socioculturais que, por séculos, lhes foram negados.

Pensando nessa Geografia, Buttimer (1990) denunciou a decadência do logocentrismo iluminista, destacando a importância da estética, das emoções, paixões e vontades, e de temas envolvendo a moral, a psique e as artes, sobretudo, para humanizar a terra com a proposta de discussão. A iniciativa de Buttimer orientou estudiosos e geógrafos de orientação humanista e cultural, onde o humanismo não pode ser visto como um campo autônomo e sim modo de ser que, de tempos em tempos, busca resgatar valores humanos esquecidos.

Nessa ótica, Daniel Munduruku (2009) renomado educador e autor indígena, aborda a ontologia indígena em seus textos e palestras dando ênfase à necessidade de compreender a relação intrínseca entre o ser humano, a natureza e o universo, que é central na episteme indígena, além de desconstruir estereótipos e promover uma nova configuração identitária para os indígenas, em que se baseia na afirmação e valorização da identidade e da ancestralidade.

O artigo apresenta uma análise sobre a Vivência indígena na Universidade Federal de Roraima (UFRR) e integra os resultados do Projeto de Tese de doutorado intitulado "GEOGRAFIA E ONTOLOGIA DOS SABERES" vinculado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Rondônia (PPGG). A pesquisa busca compreender as configurações epistemológicas e ontológicas dos saberes ancestrais na interlocução com a ciência, como meio a se discutir sobre as significações construídas na Universidade Federal de Roraima, bem como entender os efeitos que a criação do Instituto Insikiran/UFRR trouxe no cenário nacional no contexto de interculturalidade na educação. Para isto, vamos entender como o(a) acadêmico(a)/pesquisador(a) indígena, interage no processo de sistematização e produção de conhecimento, considerando a perspectiva de lugar e o espaço vivido, além de compreender como controem-se as discussões acadêmicas sob novas perspectivas epistêmicas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa dialoga com as epistemologias indígenas e a fenomenologia, conduzida por uma perspectiva qualitativa, descritiva e analítica. Uma pesquisa epistemológica se preocupa com todo o pensamento geográfico e científico: como é adquirido, transmitido, alterado e integrado a sistemas conceituais, e como seu horizonte varia entre indivíduos e grupos. O passado, então, é determinante da constituição de nossa visão de mundo. O conhecimento pessoal, assim como o geográfico, é uma forma de ocupação sequencial. Para o fortalecimento dessas ocupações, a obra "O lugar do saber", Kambeba (2018) apresenta poemas que remetem aos saberes dos povos indígenas amazônicos.

> Esses ensinamentos ainda mantidos hoje, contribuem para constituição de identidade, da noção de pessoa, dos valores e crenças, do coletivo social, da relação com a natureza, do respeito ao outro, do entendimento de partilha, da percepção de cada indivíduo dentro da sociedade indígena e da responsabilidade que cada pessoa carrega consigo (2018, p. 14).

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R

Kambeba (2018), indígena amazonense, destaca as vivências ancestrais (sentimentos, saberes e fazeres) na constituição do ser e motiva a repensar nossa relação com o conhecimento, principalmente por enfatizar tradições que sustentaram as culturas indígenas por séculos, e que, inegavelmente, são parte essencial na formação do Brasil.

Dentro desse contexto, Buttimer (1969), em sua abordagem fenomenológica busca compreender como as pessoas vivenciam e atribuem significado ao espaço em suas vidas e destaca a importância de valores e perspectivas individuais, conectando o espaço físico às dimensões emocionais e culturais coletivas. Sua obra é amplamente reconhecida por trazer uma visão mais humanizada e interdisciplinar à geografia.

Nessa linha, utilizaremos as concepções de lugar apresentado por Marandola Jr. (2017) que ultrapassa a conotação locacional, a cisão entre pessoas e lugares é diluída, pessoas são seus lugares; lugares são suas pessoas, além de resgatar a ideia de lugar no movimento de constituição de uma geografia fenomenológica, especialmente aqueles que buscam dotar o lugar um sentido ontológico primevo. Desvelar do conceito fundamental de mundo coloca as discussões da geografia em novos parâmetros, bem como, permite a abertura para novas discussões, algo que a abordagem humanista tem buscado com a construção epistemológica de base fenomenológica (Marandola Jr., 2020).

Tendo em vista a metodologia, a socióloga indígena Maori da Nova Zelândia, Linda Smith (2018), enfatiza a necessidade de criar protocolos para assegurar que as pesquisas desenvolvidas por não- indígenas estejam dentro de critérios éticos e em consonância com a visão de mundo de cada povo. Enquanto houver povos com suas histórias silenciadas, gerações dizimadas pelo epistemicídio, a pesquisa só existirá quando ancorado em efeitos de mudança e reparação.

Sendo assim, considerando os aspectos éticos, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), no Parecer nº 7.169.140, e registrada no Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 82612424.5.0000.5300, seguindo as diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisa envolvendo seres humanos, conforme a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, no que se refere às suas recomendações.

Dentre os procedimentos metodológicos, tivemos revisões bibliográficas, trabalhos de campo com roda de conversa, diário de tese e registro fotográfico/audiovisual. Sobre a metodologia, a Roda de Conversa apresenta-se como uma potente ferramenta para que possamos incidir nas travas que surgem em discussões. A roda de conversa é um lugar de concentração e atenção ao outro, durante a realização é mantido respeito entre os participantes, a fim de que estejam seguros e confortáveis para falar.

Segundo Campos (2000), a roda engloba a constituição de sujeitos e a democratização das informações e instituições, visando à minimização da impotência diante dos desafios e da cegueira institucional. A Roda de Conversa é uma técnica de ressonância que consiste na formação de espaços de diálogo, em que os participantes podem se expressar e, sobretudo, escutar os outros e a si mesmos, estimulando a construção da autonomia dos sujeitos por meio da problematização, da troca de informações e da reflexão para a ação.

A participação por meio da Roda de Conversa foi arquivada em forma de acervo de áudio de fotografias e vídeo. Posteriormente os entrevistados tiveram acesso às informações coletadas, podendo decidir quais seriam publicadas. Informamos aos participantes que poderiam recusar participar da pesquisa, ou retirar o seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar o motivo, sabendo que não sofrerá qualquer prejuízo e deixamos disponível o contato da pesquisadora responsável pela realização do projeto de pesquisa.

A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NA MALOCA

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R

É notório que as práticas de ensino em terras indígenas desde a colonização sempre tiveram como objetivo a catequese e a "civilidade", deixando em segundo plano seus saberes ancestrais, tecnologias, línguas e a formação crítica dos povos. Dentro desse contexto, a Universidade têm sido um dos caminhos procurados pelos indígenas para apropriação de outros conhecimentos, a fim de viabilizarem a formulação de estratégias para ocupação de espaços e inserção dos povos.

A pesquisa de campo ocorreu durante o V Congresso Internacional Mundos Indígenas (COIMI), que aconteceu na Universidade Federal de Roraima entre os dias 20 a 23 de agosto de 2024 e promoveu diálogos entre os pesquisadores indígenas e não indígenas ao discutir caminhos epistemológicos, políticos, decoloniais, históricos e interdisciplinares sobre educação, cultura, ancestralidade e perspectivas para o Bem-Viver, conforme mostra a divulgação do evento na Figura 1.



Figura 1
Banner de divulgação do V Congresso Internacional Mundos Indígenas
Organização COIMI, 2024

Nesta edição, realizou-se a roda de conversa intitulada Relatos de Experiência de Egressos Indígenas do Ensino superior e na Pós-Graduação, no Malocão situado na comunidade Indígena

Nesta edição realizou-se a roda de conversa intitulada Relatos de Experiência de Egressos Indígenas d Ensino Superior e na Pós-Graduaçao, no Malocão situado na comunidade Indígena Tabalascada[1] no município de Cantá/RR, conforme mostra a Figura 2. O objetivo da Roda foi proporcionar aos participantes um espaço dialogal onde as experiências foram partilhadas buscando, crescimento pessoal e empatia a partir da escuta. "O círculo vem desde os nossos antepassados, a gente exercita a oralidade ao estar em círculo, para contar histórias e compartilhar as coisas" explica Marilua Azevedo, mais conhecida como Lua Fulni-ô, percussionista e educadora (Salmazio, 2024, p. 02).



Figura 2
Malocão situado na comunidade Indígena Tabalascada no município de Cantá/RR
Autoria própria, 2024

No primeiro relato, tivemos a professora Sra. Marinete dos Anjos, Licenciada em História, conforme demonstrado na Figura 3. A professora conta que, após muitos desafios, somente no ano de 2019 conseguiu retomar os estudos na UFRR/Instituto Insikiran, e mesmo após cinco processos de jubilamentos[2] tornou-se presidente do centro acadêmico neste mesmo ano, por seu espírito de liderança e proatividade, finalizando a graduação com nota máxima em seu trabalho de conclusão de curso.

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R



Figura 3
Relato de experiência - Professora Marinete dos Anjos
Autoria própria, 2024

Em seu relato, conta que, nos primeiros meses, sofreu preconceito e racismo, principalmente quando estava com seus adornos. Era constantemente chamada de "caboca", comentário que lhe causavam constrangimento e episódios de raiva. Nesse período, iniciou amizade com a professora indígena Ma. Mariana que a motivava dizendo-lhe:

> A professora Mariana foi uma grande amiga e dizia: Enfrenta tudo isso, temos que lutar com o que temos na mão. E desde então falava para si mesma: Vou entrar na Universidade ou em qualquer departamento e ninguém vai mais me chamar de caboca, e sim de indígena, porque o sangue que corre aqui é indígena! (Marinete dos Anjos, 2024).

Consideramos importante relatar que ao fazermos a revisão do texto, transcrevemos a palavra "cabocla" e enviamos para revisão dos autores da fala, reconhecemos a falha na transcrição que foi percebida com o seguinte retorno da autora, segue texto enviado em caixa alta:

> SE OS TERMOS QUE AS PESSOAS USASSEM FOSSE CABOCLA NÃO ME IMPORTARIA, MAS ELES USAM AQUI EM RORAIMA O TERMO CABOCA, PORQUE ELES FALAM COM TANTO ÓDIO SEI LA ELES NÃO GOSTAM DE ÍNDIOS, ELES ODEIAM SÓ SABEQUEM VIVE TODOS OS DIAS (Marinete dos Anjos, 2024).

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R

Indígenas no Brasil, ainda são vistos por alguns setores da sociedade brasileira como sinônimos de atraso e empecilho para o desenvolvimento do país. Com a entrada de mulheres e homens indígenas e negros na universidade, desencadeou-se uma batalha discursiva e conceitual no campo acadêmico (Munduruku, 2009). As apropriações das narrativas têm sido uma entre outras pautas mobilizadas por coletivos dentro das universidades. Os estudantes reivindicam o direito de ocupar, criar e conceituar a partir de suas próprias categorias, possibilitando a significação dos bens materiais e simbólicos da sociedade nacional.

Conforme seu relato, Sra. Marinete citou que dentre as dificuldades enfrentadas, uma das mais complicadas era o percurso para o campus, afinal devia acordar às cinco da manhã e ficar na expectativa por carona, que a deixava em um ponto no centro da cidade, sendo necessário mais 40min de caminhada até a Universidade. A saída, geralmente, acontecia em torno das 20h, por esse motivo certa vez foi obrigada a dormir em uma sala na Universidade, por falta de condução para o retorno. Mesmo com todos esses contratempos, inclusive internada gravemente pela COVID-19[3] seguiu com ajuda de amigos e dos professores até finalizar os seus estudos. Por fim, ressalta:

> Hoje sou Coordenadora de sete Escolas Municipais da Região Serra da Lua. Todo acadêmico que chega na Universidade tem uma história, por isso não desistam, porque se não outro vai ocupar nosso lugar. Hoje sou formada em uma licenciatura indígena do meu povo, tenho orgulho de ser WAPICHANA, e incentivo os jovens que a luta valerá a pena! (Marinete dos Anjos, 2024).

A população indígena no Brasil, segundo Censo Demográfico (IBGE, 2022) é majoritariamente urbana, dados indicam que 53,97% dos indígenas vivem em áreas urbanas (914,75 mil pessoas), enquanto 46,03% estão em áreas rurais (780,09 mil) uma realidade que não dá para ignorar. Desse modo, a pluralidade cultural apresenta-nos como possibilidade para aprender sobre o valor da diversidade que se faz presente fora dos padrões ocidentais. Além disso, as culturas indígenas por questionar o atual modelo que tem o utilitarismo como alicerce, nos faz pensar em saídas para um futuro de equidade e harmonia. “Nós, povos indígenas, habitantes do solo sagrado, mesmo sem nossa aldeia, somos herdeiros de um passado. Buscamos manter a cultura, vivendo com dignidade, exigimos nosso respeito, mesmo vivendo na cidade” (Kambeba, 2013, p. 35).

No segundo momento, tivemos a fala do Sr. Severino Cruz da Silva, atualmente Gestor da Escola Estadual Indígena Edilson Lima Cavalcante, demonstrado na Figura 4.

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R



Figura 4
Relato de experiência - Professor Severino Cruz da Silva
Autoria própria, 2024

Sua fala iniciou destacando a importância das lideranças na luta pelo ensino escolar indígena, uma vez que a presença dos indígenas na universidade deu-se graças ao movimento indígena no qual fez parte:

> Hoje o que temos na Universidade Federal de Roraima é resultado de uma luta contínua. Não tem como falar da nossa presença na Universidade, sem falar da organização indígena, principalmente da nossa principal organização a OPIR, organização dos professores indígenas de Roraima (Severino Cruz da Silva, 2024).

Em âmbito Nacional, dentre as reivindicações do movimento indígena, damos destaque às demarcações de terras, mas também consta o direito a uma educação intercultural e a discussão sobre o acesso à educação superior indígena, no qual o Sr. Severino fez parte. No Estado de Roraima, este se materializou com a Carta de Canauanim, escrita em 2001, onde reivindicaram cursos em nível superior por meio da organização dos professores indígenas de Roraima (OPIR). Buscava-se, com profissionais aptos, a autonomia de um sistema de ensino específico a fim de fortalecer a resistência cultural de escolas indígenas. Essa Carta foi encaminhada ao Conselho Nacional de Educação - CNE e fundamenta o Parecer CNE/CP 010/2002, de 11 de março de 2002 (Freitas, 2017).

A Carta de Canauanim tornou-se o embrião do debate pelo acesso à educação superior, na medida em que este documento provoca no âmbito do Conselho Nacional de Educação uma manifestação formal do Estado brasileiro, relativo ao direito à formação profissional de indígenas de forma específica e intercultural servindo de referência aos demais povos e instituições brasileiras de ensino superior.

Com relação ao seu ingresso na Universidade, o Sr. Severino relata que participou do processo seletivo em 2003, no qual ressaltou que durante a seleção foi dos poucos candidatos que optou por fazer a redação na língua Wapichana[4], conseguindo a aprovação juntamente com mais 59 colegas. Sobre a estrutura curricular destacou:

> Nós ajudamos a construir a proposta, currículo, porque antes não tínhamos nada lá, eram tempos difíceis, não tínhamos almoço, nem bolsa. Éramos hóspedes no Malocão, que foi esvaziado onde era o centro acadêmico, mesmo assim não desistimos (Severino Cruz da Silva, 2024).

Neste contexto, constatou-se que a luta do movimento indígena em Roraima centrou-se em três eixos principais, partindo de assembleias políticas que tinham como foco: a retomada pelos territórios tradicionais expropriados historicamente, os processos de escolarização e a assistência à saúde. Como resultado tiveram a criação e experiência do Insikiran (Núcleo específico para atender às demandas educacionais dos povos originários dentro da Universidade Federal de Roraima - UFRR) com a criação de três cursos específicos: Licenciatura Intercultural (educação), Gestão Territorial Indígena (território), Gestão em Saúde Coletiva Indígena (saúde), tornando-se encaminhamentos palpáveis para política nacional dos povos e a força do movimento indígena em Roraima na conquista dos seus direitos, emancipação e cidadania.

> Insikiran refere-se à cosmologia dos povos indígenas que habitam o Monte Roraima, região do noroeste do estado de Roraima, sendo para os índios Macuxi, Taurepang e Ingaricó (povos da família linguística Karib) e, também os Wapichana (família Aruák) um dos filhos guerreiros de Makunaimí/Makunaima, irmão de Anikê, integrando toda a cosmologia de criação dos índios dessa , p. região, segundo a tradição e cultura desses povos (Freitas, 15).

Buttimer (1969) já sinalizava tais necessidades em seus escritos: "Pode a ciência continuar a servir a uma função útil medindo e explicando a face objetiva e esboçando mecanismos da realidade social, ou deve também penetrar e incorporar suas dimensões subjetivas?" (p. 419). O movimento torna- se como uma semente germinante de uma universidade indígena que gesta cursos específicos para povos indígenas. O Insikiran além de ser uma unidade acadêmica e administrativa da UFRR, assume função social e política de apoio às organizações indígenas, uma vez que é resultado da luta desses povos.

Em seu relato, Sr. Severino também trouxe sua preocupação e de seus colegas a respeito da relação teoria e prática, ou seja, em como trazer os conhecimentos compartilhados na Universidade para as comunidades: "A gente trabalha não nos moldes do INSIKIRAN, mas fizemos uma discussão do que é válido e melhoramos a cada dia" (Severino Cruz da Silva, 2024).

Sob essa perspectiva, Marandola Jr. (2020) apoiado nos escritos de Heidegger, enfatiza a limitação na conceituação de sujeito, o que afasta, em sua perspectiva, a possibilidade de os modernos alcançarem "o modo de ser próprio ao sujeito". Segundo ele, o que interessa é a repercussão da cisão ontológica moderna: não mais de um lado o ser humano e do outro a natureza; mas sim, de um lado um sujeito autoconsciente e do outro o mundo que, pelo ângulo do sujeito, se torna objeto/objetivado.

Em seguida tivemos o relato de experiência da Sra. Leilandia Cadete Wapichana, Tuxaua da comunidade Canauanin, professora na comunidade Tabalascada, expresso na Figura 5.

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R



Figura 5
Relato de experiência - Professora Leilandia Cadete Wapichana
Autoria própria, 2024

A referida professora enfatizou a primeira luta do povo que foi a Demarcação da Terra e, depois, o desejo de estudar, formar e voltar para a comunidade:

> Quando comecei a estudar sempre dizia, quero me formar e voltar para trabalhar na minha comunidade. Reconhecer quem me ajudou em cada fase, porque as organizações e lideranças fizeram muito pela gente, nada foi de graça, até hoje é luta (Leilandia Cadete Wapichana, 2024).

obre a resistência e a luta dos povos indígenas para sobreviver em meio a tanto descaso e ataques, Potiguara (2004) destaca a força dos laços com os ancestrais, a cosmologia e a herança espiritual, além disso, questiona os efeitos perversos da colonização, que violentou os autóctones, metáfora da própria Terra-Mãe: "Quem são vocês que podem violentar/A filha da terra/E retalhar suas entranhas?"

Sobre a resistência e a luta dos povos indígenas para sobreviver em meio a tanto descaso e ataques, Potiguara (2004) destaca a força dos laços com os ancestrais, a cosmologia e a herança espiritual, além disso, questiona os efeitos perversos da colonização, que violentou os autóctones, metáfora da própria Terra-Mãe: "Quem são vocês que podem violentar/A filha da terra/E retalhar suas entranhas?" (Potiguara, 2004, p. 35). Sobre a mesma indação de correlacionar teoria e prática, Sra. Leilandia continuou:

> Sou grata por ter passado pela Universidade e temos que refletir esse conhecimento na base, porque é necessário garantir o futuro das nossas crianças com todos os conhecimentos. Investir no estudo é ocupar espaço que é nosso, não é impossível, mas temos que querer. (Leilandia Cadete Wapichana, 2024).

É preciso permitir que o outro seja, sem comparativos e reforços negativos ou positivos. Munduruku destaca a possibilidade de externalizar o olhar indígena sobre si mesmo, sobre os outros das ciências e sobre a sociedade brasileira, praticando uma descolonização epistêmica. Nessa visão, os indígenas não dissociam o viver e o pensar; o aprender e o brincar; o viver e o acreditar, tudo uma coisa única, muito bem articulada no cotidiano (Munduruku, 2008).

E, por fim, tivemos a fala da Sra. Mariana Souza da Cunha[5], indígena do estado de Roraima pertencente à etnia Macuxi, conforme demonstra a figura 6. Atua no Curso de Gestão Territorial Indígena, desenvolve pesquisas relacionadas à formação de professores na área das Ciências da Natureza, assim como em ecologia de ecossistemas, com temas voltados à restauração florestal, preservação ambiental e produção de material didático.



Figura 6
Relato de experiência - Professora Mariana Souza da Cunha
Autoria própria, 2024

A professora citada, inicia sua fala ressaltando a emoção em ocupar aquele espaço e o quanto a fé lhe ajudou a superar cada obstáculo e continuou:

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R

> A minha luta é pelos meus alunos, e nossa luta é na caneta. Estamos preparados para isso, lutar de igual para igual. O sangue que corre nas veias dos meus alunos, corre no meu também. Sou por eles e se brigar com eles, terá que me enfrentar (Mariana Souza da Cunha, 2024).

Dentro dessa perspectiva, Ailton Krenak (2020) líder indígena, ambientalista, filósofo e escritor brasileiro alerta para os desafios de viver em meio a uma espécie de erosão dos valores fundamentais para uma vida plena. Ele destaca que vivemos imersos nos conceitos de contemporaneidade, mergulhados em tecnologias em nome do progresso, que devora sem piedade nossos corpos e nosso meio.

Ainda na fala da Professora Mariana Cunha, é versado sobre sua formação e o compromisso da pesquisa com a comunidade, no qual apresentou seus objetivos na pós-graduação:

> Sou da área das Ciências Ambientais, terminando meu doutorado na área de Ecologia de Ecossistemas. Trabalho com restauração de áreas florestais, desenvolvido juntamente com minha orientadora Profª Carolina da Embrapa, projeto novo, interdisciplinar que venha ajudar tanto a restauração das terras indígenas como outras terras, esse é o foco do nosso trabalho. Minha meta após o doutorado não é ser diretora do instituto, para dúvida de muitos, mas ser Reitora desta Universidade [aplausos]. E os alunos são minha força, sem eles não sou nada (Mariana Souza da Cunha, 2024).

No Brasil temos uma imensa pluralidade cultural que nos possibilita aprender que há valor na diferença, na diversidade, no novo A construção epistemologica que há pela frente pressupõe identificar os pressupostos teóricos de diferentes ciências para possibilitar desenvolver critérios de validação para uma ciência intercultural a partir dos saberes das culturas indígenas. E é por isso que se precisa aplicar o processo científico de interculturalidade científica, que estejam conformadas a partir das técnicas de ensino e de pesquisa com base na interculturalidade e consequentemente, a constituição de comunidades científicas interculturais (Quijano, 2004).

E para encerrar a roda de conversa tivemos a fala do indígena Yanomami Davi Kopenawa, demonstrado na Figura 7, que segundo a Academia Brasileira de Ciências (2021), é a principal liderança do povo Yanomami e amplamente conhecido por sua defesa dos direitos dos povos indígenas e pela conservação da Amazônia, tendo uma importante atuação nos debates acerca do reconhecimento dos saberes indígenas para refletir e atuar sobre a crise ambiental e humana enfrentada pelo mundo contemporâneo. Durante a sua fala, destacou a importância da relação dos povos indígenas com a Universidade, e comparou sua relação particular com o Reitor Dr. Geraldo que seria “um namoro de onças”, à relação Ciência e Ancestralidade.



Figura 7
Líder Yanomami Davi Kopenawa
Autoria própria, 2024

Segundo ele, apesar de possuírem perspectivas distintas, mesmo com estranhamentos conseguem alinhar a um objetivo comum, principalmente pela dinamicidade na troca de saberes entre dois mundos tão complexos. A onça, neste contexto, é um animal selvagem e poderoso, conhecido por sua força e ferocidade. Portanto, o "namoro de onça" sugere um relacionamento que pode ser Intenso e apaixonado, mas também tumultuado e conflitivo. “Só duas coisas a gente precisa entender para ser feliz: a gente nunca tem que se preocupar com coisas pequenas; e não esquecer que todas as coisas são pequenas” (Munduruku, 2008, p. 129).

Disputas conceituais e as desconstruções de narrativas são estratégias de resistência que necessitam do reconhecimento das diferenças epistêmicas e socioculturais, como indicadores relevantes para o desenvolvimento do conhecimento científico e sua diversificação. A presença de indígenas e outros estudantes tem gerado um movimento rumo a transformações, onde a academia e suas produções possam sair do confinamento racial, teórico e metodológico no qual ainda se encontram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R

Com base no exposto, o debate epistêmico se faz necessário, pois compreendemos que ainda existe uma parcela da sociedade acredita conhecer os indígenas e sua cultura. Entretanto, são imagens genéricas, histórias fragmentadas e fatos superficiais, que não destacam os indígenas como parte da história, invisibilizando suas relações sociais e seus costumes. Assim, esses olhares expõem preconceito, que é concebido principalmente pelo desconhecimento ou por informações incompletas recebidas em fase de formação e reafirmadas no decorrer da vida em sociedade, ou seja, a ausência de discussão a respeito da diversidade facilita a legitimação e a perpetuação de concepções incorretas e etnocêntricas.

Sobre o papel da Universidade para a Amazônia, o Insikiran Instituto de Formação Superior Indígena, resultado da luta do movimento indígena de Roraima, cumpre um papel importante na formação de professores indígenas em nível superior, sobretudo, ao dar apoio às atividades de educação escolar promovidas pelas organizações e pelas escolas das comunidades de uma população historicamente excluída.

É notório que a luta do movimento indígena rompe com os modelos de educação historicamente impostos por políticas de cunho integracionista e propõe uma perspectiva que se baseia no resgate e fortalecimento da ancestralidade em espaços que antes eram silenciados. Desse modo, as reivindicações visam construir outras experiências que possam contribuir com essa emancipação política por meio de uma educação baseada na realidade sociocultural das comunidades indígenas. Por meio de Roraima, Amazônia é colocada como referência no âmbito da educação indígena, sobretudo no que diz respeito aos processos identitários e autonomia na luta pelo acesso à educação superior.

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTTIMER, Anne. Geography, Humanism, and Global Concern. *Annals of the Association of American Geographers*, n. 80, n. 1, pp. 1-33, 1990.

BUTTIMER, Anne. Social space in interdisciplinary perspective. *Geographical Review*, 59 (4), 1969, pp.417-426.

CAMPOS, G.W.S. 2000. *Um método para análise e cogestão de coletivos*. São Paulo: HUCITEC, 229 p.

FREITAS, Marcos Antonio Braga de. Insikiran: da política indígena à institucionalização da educação superior. 2017. 263f. *Tese* (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

GIOVANETTI, M.; BASSO, R. M. Demonstrativos, determinantes e definitude em Wapichana. *Revista Letras*, v. 96, p. 425-443, 2017.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

KAMBEBA, Márcia Wayna. *Poemas e crônicas*. Manaus: Gráfica e Editora, 2013.

KAMBEBA. Márcia Wayna. *O lugar do saber*. São Leopoldo: Casa Leiria, 2018.

KRENAK, Ailton. *A vida não é util* (1 ed.). São Paulo: Companhia das Letras. 2020

MARANDOLA JR, Eduardo. *Lugar e Lugaridade*. Fortaleza/CE. Mercator, v.19, e19008, 2020

MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (orgs.). Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia. 2017

MUNDURUKU, Daniel. *Educação indígena: do corpo, da mente e do espírito.* Revista Múltiplas Leituras, v.2, n. 1, p. 21-29, jan./jun. 2009.

MUNDURUKU, Daniel. *Todas as coisas são pequenas*. São Paulo: Arx. 2008.

POTIGUARA, Eliane. *Metade cara metade máscara*. São Paulo: Global. (Série Visões Indígenas). 2004

QUIJANO, A. *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina.* Globalización y diversidade cultural. Una mirada desde América Latina. Ed. Pajuelo, R, y Sandoval, P. Lima: Instituto de Estudios. 2004.

SALMAZIO, Camila. *O que a cultura indígena nos ensina sobre estar em roda?* Movimento Aliança pela Infância. Publicado em 30 de maio de 2024. Acessado em: 13/12/2024

SMITH, L. T. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas.* Trad. Barbosa, Roberto G. Curitiba: Editora UFPR, 2018.

Notas

[1] Terra Indígena localizada no extremo Oeste da região Serra da Lua, a 26 km da capital do estado de Roraima Boa Vista, sua área total é de 13.014 hectares e foi demarcada em 19 de abril de 2005.

[2] É um procedimento acadêmico que resulta no afastamento de um estudante de uma instituição de ensino superior, quando não atende aos requisitos estabelecidos.

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R

[3] Pandemia que atingiu a todo(a)s durante o período de 2019 e 2023, no qual acarretava em uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2.

[4] língua ora apontada como pertencente à família Maipuran, um subgrupo do tronco Arawakan, filiado ao supermacrotronco Equatorial, ora como pertencente grupo Northern, na família Maipuran (Giovanetti, 2017).

[5] Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Roraima(UFRR), mestrado em Recursos Naturais também pela UFRR e atualmente cursa Doutorado em Ciências Ambientais também pela UFRR. É docente do curso de Licenciatura Intercultural do Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena da UFRR.

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R

AmeliCA

Disponível em:
https://portal.amelica.org/ameli/ameli/journal/274/2745193020/2745193020.pdf

Como citar este artigo

Número completo

Mais informações do artigo

Site da revista em portal.amelica.org

AmeliCA
Ciência Aberta para o Bem Comum

Geanne Ferreira Leite, Josué da Costa Silva
Geografia e Ontologia dos saberes: Vivência indígena na Universidade Federal de Roraima
Geography and ontology of knowledge: indigenous experience at the Federal University of Roraima
Geografía y ontología del conocimiento: experiencia indígena en la Universidad Federal de Roraima

Revista Presença Geográfica
vol. 12, núm. 1, 2025
Fundação Universidade Federal de Rondônia, Brasil
rpgeo@unir.br

ISSN-E: 2446-6646